

OLHARES CONFESSOS

Livro 15

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



BENEFÍCIOS

Digo, comovido: os benefícios colhidos saíram como águas fora do seu leito, e germinaram. Alegrias espalharam-se pelos velhos e conhecidos caminhos, caprichosos movimentos foram usados para inovar a graça e o brincar. Um tom de festa expressa o que não cabe mais dentro de mim; O milagre de animar distribui contentamento, tumultua o sossego, cria alarde na monotonia, deixa mais leve e mais fácil a tristeza. Reune, concilia, atrai.



NÃO APTO PARA MEMÓRIAS

Separo a carne dos ossos, ordeno os rancores. Quando juro em falso, nego ser eu este que está ali. Reduzo ao meu território, um avançado muro que não dá ouvidos à opinião mais honesta sobre si mesmo. Tal o esquecimento, que reviro esse guardado de coisas não aptas para a memória porque lhes roubei a autoridade e a validade. Presto essas contas porque escondi aquele tempo onde vivo, nesse tempo sem vínculos, não apto para memórias.

SIM, INSISTO

Reconheço ser um péssimo administrador das minhas emoções, que moram à flor da pele, Afinal insisto naquilo que nunca é valorizado, me empenho em conferir um conhecimento ao que é desprezado. Invento acatar correções, finjo uma adequação, Adoto com facilidade a dor do outro como minha e me magoo fácil, quando ofendido. Reajo às injustiças, sinto e vivo minha humanidade. No mais, busco alguns pares que me amparem a solidão.



AS PALAVRAS QUE FALAM POR MIM

Algumas vezes, busco retirar das palavras o afeto que nelas carrego, ocasionalmente distribuídos. Corro um risco avaliado dizendo o que outros sentem. Sou pretendo inventor do meu destino. Animo a palavra, provocando-a para que dance e cante. Tento sempre da próxima vez chegar mais, o suficiente para marcar novos encontros, ainda que seja uma página a mais,

quantas alcance escrever, declarando a minha imensa vontade de viver. Elas falam dos nossos muitos eus, de tantas outras vontades não declarações, notas de encontros, das belezas vistas e omitidas, das desculpas guardadas, das reparações, dos acertos, das convicções, e sobretudo das confissões de despedidas que nunca tive coragem de realizar,.



SINAIS NA VIDA

Saio por aí descobrindo o que interrompa a habituação. Devagar, vou ao cotidiano invisível, a cena que está ali a meu lado e que nunca vi. Recolho a cor, a voz próxima, a boca que sussurra. Frente a mim, uma mulher vestida de negro anuncia um luto de que não consegue escapar. Suas palavras são lamentos não escutados por ninguém. Detendo-me em ver diante de mim quem não alcança ser tranquilo, os que carregam apenas um corpo cheio de amargura e um rigor inútil lhes faz companhia.

ALEGRIAS FICTICIAS

Sei do amor que se liberta deixando a solidão que aprisiona nas sombras. Não tem sido fácil encontrar vontades novas. Sei que o que mais mata é ser infeliz, abandonar-se à própria sorte como escravo consentido, atraído pelo descarte.



AVENTURA PERDIDA

Acolho essa brisa que pressente a chegada do frio, o cheiro de mar que espanta nossa noite determinada ao descanso. Como coisa de outros mundos sempre em festa, o prazer se apressa em aparecer nu como veio ao mundo. Sinto sereno o meu destino. Chegar a sonhar com véus mediterrâneos é um artifício que me arrasta a inventar-me todos os dias. Aceito surpresas.

MEDINDO COM A ALMA

Aquilo que ontem olhei com dura adversidade hoje se confunde e penetra totalmente em mim. A favor de uma constante vontade, sigo o mesmo, ainda que com movimentos inesperados, às vezes esgotado em tolerância. Sem mais delongas, divorciado da utopia, me situo entre a miséria imposta e a riqueza roubada, entre uma solidão selvagem e uma multidão desacompanhada.



ACEITAR VIVER

Há assunto mais funesto que uma vida mal vivida? Foi somente ante o rigor de graves leis biológicas, contra as quais não funciona nenhuma defesa, que me aceitei finito. Foram oportunas a presença de uma artrose, uma dor na coluna, uma incômoda tradição de ir perdendo as forças nas pernas, um certo furor inverso onde, somados, todos os músculos valem por um de antes.

O atual humor de reunir todos maus humores no corpo reanima o sonho de envelhecer sem decadência. Uma imensa e comum esperança rege a fantasia em muitos de meus momentos. Sabendo eu de sua inutilidade, nada me impede de reanimá-la, de tempo em tempo. Embora um misterioso pressentimento não permitir que essa minha certeza caiba em mim, perder deveria ser uma coisa natural. As preferências seriam eternas, o tempo qualificaria a todos e a tudo, a experiência de vida refinaria a repetição, a antecipação seria evitada, o entusiasmo contagiaria, a história daria lealdade ao afeto e o corpo obedeceria, a voz e os gritos seriam acudidos.

VIAJO NOS MEUS SONHOS

Viajo nos meus sonhos como um fantasma de mim mesmo. Sonho sempre com o mesmo tema: meu passado, que espreita o meu agora. As lembranças me invadem na noite, trazendo-me o desconsolo da resposta limitada, incapaz de atualizar o prazer. Tento amansar o descompasso que me desatualiza.



OS OLHOS E AS PROXIMIDADES

As severas transições tornaram inevitável o vício incorrigível de voltar atrás no tempo, Fica, todavia, um pouco de saudades, muitos vazios. Quisera poder salvar alguma coisa da minha velha casa. Subitamente, meus olhos se fixam em um objeto que contemplei muitas vezes: um relógio de parede que insiste em sua presença, um cabide que guarda o chapéu de meu pai e o bom humor da minha mãe. Abre-se a recordação e aparece um sorvete artesanal, algumas sucatas, outras invenções, vários devaneios.

NÃO SEI QUASE NADA

Estou mais perto de morrer e ainda não sei quase nada de mim. Acabo sitiado entre meu corpo e minhas fantasias quando me permito o nobre silêncio e a solidão. Tudo contribuiu para o meu isolamento. Toda vez que tentei abrir um novo direito à autonomia, um músculo ou uma articulação marcavam o limite entre minha vontade e a possibilidade. Escondendo, dissimulando meu estado, sem compreender muito bem o que se me passava, sinto que as verdadeiras razões estão nas mãos do tempo, que insiste em avançar em descompasso com minha invenção da eterna juventude, ou essa coisa do espírito jovem que me acompanha na hora da alegria.

Embora quase sempre chore pelos ausentes, vivos ou mortos, não me encontro dentro da couraça, nem padeço ausência de ninhos que insistem em não florescer. Aqui, estou morrendo de frio, de calor, de rinha, de desespero, essa morte não confessada, quase natural, quase vegetal, que me define.

Prometo mais uma vez adquirir um costume, esperar a ocasião de terminar, provavelmente morto de pena por nunca mais ouvir música, ver a beleza, a flor, morrendo atemporal.

DESCUIDOS

Há dentro de mim um guarda-roupa que insiste ficar em bermudas de linho branco, suspensórios e um sorriso de 7 anos. Ainda vejo ali uma amarelada esperança de que não acabasse o sorveteiro da esquina e o passeio diário com meu pai.

Escondido detrás de uma máscara adulta, retomo o último diálogo com minha mãe. Guardo dentro de mim uma riqueza dos tempos de minha infância e adolescência em Pelotas. Ainda que tente, não consigo descrever, esse passado, haveria que inventar novas palavras e inaugurar novas orações. Trata-se do idioma que pais, filhos, infância e juventude em harmonia estabelecem, tentando adivinhar futuros, novas encadernações, novas divulgações de culturas, afetos, decepções, encontros e despedidas.

Troquei a corda do violão que pacientemente me espera há 30 anos. Cometi o extremo descuido de desprender-me do vício de aprimorar meu sentir, esqueci de atualizar meu velho diário, depositário daqueles sonhos. Volto em busca dos meus pedaços. Ali, estou ao meu alcance.

FIZ UM TRATO

Duplicuem-me os beijos, deles farei um banco por se acaso me faltem depois. Eu os guardarei na pele, dentro das sensações, onde, definitivos, esses beijos jamais serão encontrados a não ser que eu os necessite. Façam-me carinhos com esses lábios quentes, pintados, molhados. Toquem-me o rosto para que as marcas não se apaguem os rastros. Caso me faltem, esses guardados soprarão poemas, salva-vidas, farol. Ficarão voluntários, a recorrer-me nas urgências.



AQUI

Dissimulando vastas penas provindas de falsas aparências, a insatisfação doou à decepção um pedaço da sua dor. Entretanto, a partir de uma diferença, como ninguém, esperava tanta consciência. Daí, uma dignidade profunda, irreversível a exaltar a descoberta. Aqui já não me desanimo fácil, cresço todos os dias, prospero adquirindo certezas até provocar uma harmonia entre o ato e a vontade.

AS BOAS INTENÇÕES DO AMOR

Dói-me um vazio que me cobre sem piedade. Quero adivinhar o futuro para amortizar as penas e acalmar os desejos que não me deixam ficar em paz sem ti. Quero ser quem se acostuma a ir para buscar razões, alicerces, abrigos onde possa ser companhia, ouvir o necessitado, encerrar os sonhos e as fantasias. Buscar o conhecimento, o valor da proteção, das falhadas intenções do amor deixado sob custódia até que a razão o ajuste, fazendo desaparecer os excessos.



AFLIÇÃO ÍNTIMA

Entendo que por laços vitais é necessário começar a usar toda a memória guardada. Quando tomei consciência de mim mesmo, hospedei todo o sentimento que aflora sem prática, ingênuo, entornando seus benefícios em profusão. Distribuir precedentes aprendidos, metidos nas entranhas, expõe, transforma-se em dores. Elas misturam mitos, penas e ânsias.

DAR FEIÇÃO

Dar feição aos meus sonhos escrevendo os versos mais amorosos, quase trovas, quase definitivas declarações, é tudo a que aspiro.

Exacerbo o encanto, exorcizo a dor, e se alguma coisa omito, é por um descuido proposital, para destacar e fazer notar o que mais me importa. Custodio essa liberdade de inventar e dizer o que gostaria de ouvir. É como uma ação generosa comigo mesmo. Assumi o direito de tentar ser feliz.

Acabo de ouvir uma sentença que me exclui das penitências e das autopunições. Esgotadas minhas penas, viverei de privilégios auto concedidos. Arranquei pela raiz os pesos da consciência e plantei em seu lugar uma abundância de perdões.

Experimento manifestar uma alegria fugaz, falo ao coração, aos que se deixam fascinar pela autorização do prazer e fazem a cama sabendo que nela irão dormir, e são os que cuidam do amor sabendo que ali irão pousar.

EXILADA CONSCIÊNCIA

Atirei na cara dos anjos toda essa falta de cuidados. Eles pouco se importaram com meu ato e declararam-me superficial. Enquanto isso, eu me desterro e me extingo sem méritos nesta exilada e solitária consciência. Alcanço ver a vida fazendo acordos com o sentimento sem controle. Esqueço e oculto um número suficiente de lembranças, conheço o avesso onde se escoram todas as minhas vontades.

Vim à procura de um valor que ainda funcione e que instale a esperança para que ela seja alcançável. Com vistas a aumentar meu capital íntimo, minha solução caseira foi ativar a procura, enquanto a realidade permita. Incursiono pela novidade, me causo prazeres, me faço promessas. Faço disso um modo de ser. Nem sempre alcanço ter êxito.

RESTA SABER

Agora resta saber se as feridas serão cicatrizes. Se a denúncia basta, se o desencanto separa o olho da viseira. Desordeno os lamentos que se tornam experiências, e os enganos, por prudência. Situado no prejuízo, tento comandar a reparação. Faço cessar a ingênua experiência instalado no ultraje, atrapalho os planos de viver em paz. Embora acanhado com a desavença entre mim e os que me cercam, sustento os sonhos.



ESTAR LIBERTO

Meus sonhos de infância devorei-os de uma vez. Sumiram dentro de mim, não consigo encontrá-los. A mágica possibilidade de sonhar me devolve ao estado perenal, tal a força e a paixão que me domina. Noite após noite, decidido recuperar a capacidade de sonhar, devoro a memória que inventa escassas certezas.

MEU DESPERTAR

Contraí o hábito de ver meus vizinhos, meus objetos, habituei-me a viver uma vida cada vez menos nova. Acudo logo a uma inquietude que me provoca a fazer mutirões, chamamentos, homenagens aos que sobrevivem. Tento aderir às notícias do dia, finjo não me importar com as guerras, com os infanticídios, com a corrupção endêmica. Inclino-me a confessar que as paredes das minhas artérias ficam mais duras quanto maiores ficam as minhas não manifestadas indignações.



ABONOS

Os mesmos olhos que precipitaram infinitos abonos robusteceram minha crença de que eu poderia ser, ainda que limitadamente, feliz. Se eles não me sancionassem tão singela disposição e reverência, o ingresso ao mundo dos adultos teria sido mais difícil. Precipitado, muitas vezes abri a intimidade, desonerei

a vantagem dos cuidados e pronunciei a palavra que selou meu compromisso com o que eu via. A minha inteligência não abrangeu guardar minha emoção que, sem maiores medos, tornou-se um orgulho insensato. Afinado com a declaração de amor e a isenção de exigências absurdas, entreguei abundantemente um amor sem proprietário, coberto de pureza, sem estrofes, rimas, afinações, sem medo de sofrer e acabar. A solidão consentida acabada; decretei-me exilado. Resgardei as coisas mais sensíveis. Acabado de chegar ao mundo das decisões, concordando ou não, sendo esse que sou.



MOTIVO DE VIVER

Em todos os meus tempos o atributo da coerência forma um conjunto que envolve o meu sentir com meu agir. Contra as abusivas regras, a vontade de me revelar, atualiza meus sonhos, alivia-me do pesado tributo das culpa que não são minhas. No início, a luta pelo direito de sonhar não tinha outro fim que um sonho, para logo depois se transformar em motivo de viver.

ATUALIZAÇÃO DOS SONHOS

Longe de requisitar uma disciplina sentimental, reservei-me surpresas ao ver-me insólito inventor enriquecendo-me com novas alegrias, vivendo de montagens provisórias. A vida se manifesta sempre por vias novas. Invisto na conquista de uma qualificação que signifique originalidade. Busco me afastar do consolo primitivo que se adapta onde era para se indignar, povoar a injustiça de litígios, influenciando os méritos e as exigências. A luta, para ser bem sucedida, me incentiva como explorador, fazendo da linguagem o ato. Desisto das concessões que representam uma cômoda farsa.



OUTRAS RELÍQUIAS

Quantas vezes ansiei medir a exaltação sentida no amor. Inspirado nas músicas, nas poesias, na esperança dos outros, no sacrifício dos cristos difundidos e

onipresentes, me aventurei a fazer alguma coisa que me confirmasse que o amor não era uma fraude e que a esperança ainda era lícita. Meti-me a fazer o que não sabia, investi onde não devia, depusitei no vazio que não confirma. Descumpri, me meti na extensão das fronteiras tentando emergir, honrando a vida, a aventura de amar, embora frequentemente a habite desenganado.



MEU OLHAR

Consumo o tempo, ocupando-me em examinar a natureza com a atenção posta no que vale a pena. Desprezo a solidão fazendo-me companhia. Guardo uma desagradável noção de existência que, inoportuna, se intromete na minha paz tão duramente alcançada.

A FÉ

Olho para ver se as sombras me seguem, se o olho está olhando na direção desejada. Olho atônito as injustas fomes dos pedintes, o frio não protegido de quem adormeceu na calçada. Olho a revoada dos cata-ventos ao poente, os olhos duma criança olhando para o futuro sem poder prever, olho as ladeiras, as despesas, as esmolas, atento ao desfile, ao que se me apresenta tentando me encontrar. Olhos meigos, olhos tristes, furtivos, curiosos, subordinados, penetrantes. Então descanso meus olhares, adormecendo. Olho para as ruas, igrejas, esperanças vazias, buscando onde anda a fé.



UMA EVIDENCIA DO AMOR

Sou suspeito para falar de reveses. Sabendo-me tão frágil, ainda me inquieta sofrer de amor. Mas como chamar esses múltiplos amores de universais, se é o amor coletivo que passeia dentro de mim?

CONTAR O QUE VI

Não posso alegar descontentamento. Foram poucos os danos e muitos os dias contentes. Parece-me justa a gratidão com que comemoro haver tido tanto. Ganhei encontros que deram substância à minha memória. Foram-me concedidas algumas graças não pedidas e, sem promessas, realizaram-se muitos sonhos, alguns desejados, outros nem sequer imaginados. Só me resta guardar o que fiz e contar o que vi.



NEGAÇÃO

O que faço, onde me exilo? Já não basta tanta negação, pois não me contento com fantasias, promessas e milagres. Parte de mim uma lembrança, um retrato como cena viva que ainda me faz companhia. Resguardado do esquecimento, torno prazer onde há ferida. O que pedir mais depois de haver vivido tanto?

PARTIÇÃO

O corpo me reclama partição intensa e dirigida. Submetido à condição de eleito pela sensibilidade que me faz construir este texto, reafirmo minha alegria por criar e poder usar palavras próximas ao que sinto, de tal forma que a descrição não se afaste tanto do vivencial. Em todas as frentes ponho a totalidade do vivido e do aprendido, uso como veículo que me permite transladar-me por muitos ouvidos, paisagens, paciências.



O GESTO QUE ME REPRESENTA

O gesto que me representa antecipa e inventa uma forma, de tamanha exposição. Afinal é isso mesmo o que me fundamenta como gente. Minhas inquietudes me anunciam em constante movimento, seja eu dono de meus desígnios ou porta-voz do silêncio que o mais profundo da alma transmite. Invento tramas

que suponho ser o começo, quando, na verdade, são a síntese do que me precede. Às vezes, sinto as diversas vozes que me assopram o que dizer; elas surgem como uma expressão espontânea a dirigir minha língua na construção de algo que não pensei.



POR SALDAR

Vários desses afetos inventados cujo término se aproxima, guardam na memória ações de esquecimento para evitar saldos.

BOAS RELAÇÕES

Uma especial satisfação fez moradia na minha vida depois que te conheci. Durante tua permanência, me senti um privilegiado brindado pelo acaso. O descuido importante de algumas questões convida o abandono de tua companhia. O efeito é que isto possa a ter influência em futuras boas relações.



TUDO O QUE SEI

Este amor se precipita na minha solidão, pede abraços, põe à disposição tudo o que sei.

VAZIOS

Ainda assovio quando só, visando fazer-me companhia com um ruído que possa controlar meus medos infantis, encravados, permanentes. Cato lembranças que imponham armistícios. Confirmo a vontade de ocupar esses vazios.



ESSE QUE ME TORNEI

Nomeio como tutor das minhas esperanças alguém que não deixe escapar a ocasião e atente para o que digo. Às vezes pareço concorrer com o tempo e o espaço. Às vezes extraio esperança do nada, às vezes escorrego pela tangente, às vezes escondo afetos. Mudo o ângulo para não me acostumar às formalidades. Altero itinerários com a fantasia de conhecer novos lugares, embora minha fantasia e minha sombra sejam as mesmas de sempre.

AMOR PERECÍVEL

Custou-me entender que o objeto do amor é perecível.



FALTA POR VIVER

A vida dá severas respostas quando os tormentos ocupam lugares indevidos. Às vezes pareço habilitar-me a encolher, embora em outras coisas seja convocado a mostrar toda a ternura que guardo em mim. De qualquer maneira, nada vai mudar. Enquanto isso, ficarei comigo toda vez que olhar o que me falta por viver.

DESVENDO O AMANHÃ

Desvendo o amanhã que me garanta menos perdas e quase nada de mistérios. Que eu possa sondar e prever tudo o que poderei perder. Tento erguer o futuro para vê-lo mais nítido, mas o tempo não me concede o saber.



ALOJANDO A INCERTEZA

Costumo pedir auxílio, deixo extravasar a impotência. As milenares dificuldades do amor tomam o lugar da confiança, apoderando-se dos ânimos e das boas-vontades, alojando a incerteza onde havia a paz. Apresso-me a escolher cuidadosamente, de forma imparcial, onde reguardarei o meu sentir.

TEMPORAIS

Nesses temporais se misturaram as origens até unirem-se como amantes. Nem a memória saberia guardar os episódios vividos, tal prática que faz entrar a alma motivada dentro do corpo inspirado, submergido numa fusão capaz de distribuir bondades, mostrando os ossos fortalecidos, as feridas saradas, os desejos mais loucos.



PRESSAS

Aqui será dito, em honra ao amor que todos os sonhos ganham força, se unem à realidade para misturar vontade e realização. Aqui a alma não responde às pressas do corpo. As pacientes sementes do amor esperam acalmar a tempestade da paixão.

EVITO UMA FUGA

Internamente, mantenho um banco de delicadezas, embora não saiba distribuí-las. Permaneço na posição de quem segue o planejado, sou como um rio que espera chegar ao mar. Mas, antes preciso curar as feridas.



OS CÓDIGOS

Os códigos que disciplinam minha ânsia discursam na minha consciência um rosário de comportamentos incessantemente obedecidos, penetram em mim vendendo as vantagens da obediência. Nunca tive muita coragem. Embolsei em meu patrimônio um medo que me alertava a não me meter a discutir com os santos, muito mais porque me afirmaram categoricamente que eles eram os representantes de Deus. Sujeitei-me às disciplinas sem discernir os méritos de cada ordem.

ITINERÁRIOS

Corro em todas as brincadeiras corro sob o olhar que controla, não admito invenção de itinerários. Trato de explicar que valem os disfarces, que eles fazem parte do jogo, Disponho da paciência, da hora, da vontade, provo-co-me a voar. Não sou obrigado a saber tudo o que querem que eu saiba.



ESFORÇO TAMANHO

Com esforço tamanho, desviei-me do gosto dos demais, e essas obrigações anônimas provocaram partidas, inventaram o silêncio, o isolamento e sequestraram minha capacidade de sonhar.

LEGADO

Esqueceram-se de dizer-me que se morre mais de uma vez. Que se vai um pedaço cada vez que desaparece um amor ou uma pessoa querida. Propositadamente deixaram-me desavisado para poupar-me sofrimentos. Dessa forma, adiaram minha consciência porque não se pode poupar dores, elas acontecem sempre onde escolhem acontecer, acompanhando as ofensas ao corpo, o luto das perdas e alcançando as terminações da alma para doer mais fundo e permanentemente.



CALOROSA COMPANHIA

Exclamo, surpreso, entusiasmado, toda vez que ouço uma voz antiga portadora de uma esperança retomada, feito os segredos arcanos plantando novos frutos. Minhas recordações transformam minha intimidade. Intactas, são capazes de expulsar a desistência, produzir esperança aguda e fazer-me uma calorosa companhia.

CAMINHOS

Caminhos já andados, reservo as façanhas que requerem atualização. Fecundo o olhar que vê a recorrência da primavera, insistente em subverter os anúncios do inverno.



ENTRE SUB-MUNDOS

Nesta época sem privilégios, escapo do tempo da forma que melhor me convém. Será preciso esperar até que uma história ou outra invada a minha com pretensões de mudanças. Caso isso aconteça, exercerei uma sensata fuga das armadilhas deste mundo que nos governa.

SINCERA ALMA

Minha alma decidiu reunir todas as minhas partes,
Como um livro de páginas arrancadas, a memória
excluída diria algo de mim que não quero ouvir. Minha
alma insiste em ser meu espelho, ainda que sem glória.
Ela acaba com todos os meus cálculos mentais enquanto
penso se devo seguir oferecendo-lhe resistência.



PALAVRAS DESALOJADAS

Dificilmente concluo o poema que diria tudo o que
significas para mim. Faltam-me palavras, sem as quais
não há relato. A lógica que me governa a inspiração se
perde na desorganização que esse amor me provoca.
Ele é tão fortemente sentido, que transforma tudo
para mim quando dele me aproximo. Ao falar de tuas
predileções, choro, me auto-proclamo, auto-promovo,
me apodero das escutas, apreendo todas as versões,
prometendo um final feliz, sobretudo para que nele
fiques envolvida, esperando ser desvendada.

AS FONTES QUE ME INSPIRAM

As numerosas fontes que me inspiram a vida são alegorias a dar sentido à minha imaginação. Orientam uma sensibilidade que evoca o amor como referência explícita para torná-lo presente onde menos espero. Fico subordinado ao modo dele sempre refazer em mim novas tentativas. Todos os capítulos da minha vida são conservados como documento antigo. Neles reúno o que me faz singular, mensageiro da minha história em qualquer época; reagrupos os mil exílios que vivi. Esses guardados são como uma literatura não publicada, jorram das fontes que me inspiram, são fragmentos, uma quase antropológica maneira de tornar preciosa a única vida que me coube, para criar um enredo com possibilidades de refugiar-me em paz nas fontes que me inspiram.

POR ONDE CAMINHA A POESIA

O percurso da poesia atravessa a noite, alterando minha perplexa agonia. Rememora o corpo jovem, ausente, impossibilitado de reproduzir-se, expatriado. Ainda que tente enganar, apresenta-me como se eu fora outro. Enquanto prossigo meu trabalho, a voz acompanha a rima, progressivamente revela uma desolação: esqueci-me da palavra que consola e que acalma a aflição.



NADA A COMEMORAR

Um grande segredo ultrapassa a surpresa e o espanto, encarna a escuridão que acompanha a progressão dos anos. Estou ficando íntimo do desconhecido que tenta encantar pelo mistério, enfeitiçar pela curiosidade, mover-se num território a que não pertence. Busco alguma evidência que me acalme diante do caos que tenazmente faz em mim uma morada prolongada. Nada a comemorar. Minha vida declina diante da fatal aceitação da perda. Os anos, dispostos ao avanço, estão para confirmá-lo. Um bem sucedido empurrão

coloca a sombra adiante do passo que, tão lento, desacompanha-se do meu corpo, aprendiz que já não questiona a própria natureza. O tempo fincou outro rosto no meu.



FEIXE DE GUARDADOS

Quando chega a noite, o ocaso inevitável descobre-me recitando velhos poemas, feito receitas que inventaram a saudade como um jeito de reeditar as coisas nas quais a gente ainda acredita. Falam do amor como um poder que comove, que sai da necessidade. Nesse feixe de guardados incluo revelações, serenatas, poesias sem rima, promessas, intenções prolongadas, vontade de dar certo, crença nos vínculos, uma ordem necessária e enlouquecida, paixão desmedida, e, ainda por cima, desabafos, confissões, declarações, pronunciamentos, ciúmes sem limites, motivação para inovar, sem saber se para sofrer ou ser feliz.

Nesses dias, a lua faz serão, o sol se atrasa, evitando conhecer os segredos que sustentam seu efeito e graça.

EU E A VIDA

A vida me olha de fora, silenciosa, me acompanha como parte da minha composição, aceita esquecimentos, nada reivindica. Original e sigilosa, não se altera. Não faz nenhuma menção da sua importância nem me alerta dos riscos; dá-me a chance da ampliação para tentar a sua extensão. Recusa a farsa por não sobreviver a ela. Por ser atemporal, não é nostálgica, está em todos os tempos e se esforça para ser boa companhia. Encolhe-se e se acentua em posição e oposição, insuflada por minhas ações; farta, nunca se queixa, oculta-se na minha pele, circula no meu sangue, atíça o meu desejo, permite o avanço, aceita a evocação, assiste à perturbação dos sentidos, tem um ventre amplo e profundo, concebe, é origem e destino, magnifica o amor que nela se esgota. Original e inocente, disposta à obediência da voz e do ato, está ligada às raízes, até o ponto de chegada.

AFETOS FRANCOS

Prefiro os afetos francos, expostos, que agitam as inquietudes, despertam a frieza, exorcizam a esterilidade. Os afetos francos consagram uma vocação necessária para que o entusiasmo se inspire.



PESSOAS ESTRANHAS

Faço uma declaração que é quase um pronunciamento. Ponho poesia e sabedoria nesse quase delírio quase paixão. Revelo a exaltação todas as energias. Usando todos os prestígios disponíveis, todas as influências, toda admiração, irrompo nestes rotas de fuga que permitem escapar destas pessoas estranhas que me rodeiam.

CANÇÕES ENCOMENDADAS

Canto canções encomendadas, utilizo alguns ultrapassados encantos que já não alcançam cumprir sua missão. Acabo prisioneiro dessa luta.

Novos trajetos se desenham para que minha disponibilidade cansada escoe, torne-se ordem do dia, aderida como um desejo permitido. Insisto, subestimo a resistência, de adversário me faço cúmplice, desarrumo a ordem que a culpa promove sempre que deseja. Faço uma tentativa de me animar, de aprender a dizer-me o que sei que preciso ouvir.

Nostálgicos como um radio antigo, uivante, crepitam suas folhas açoitadas por sol e vento. Os eucaliptos registram o tempo que se passou desde a última vez que com eles me importei.

RESPOSTAS PREVISÍVEIS

Vejo a tarefa cumprida. Em meio da ausência que renova aquilo que nunca começou. Como um espetáculo surpreendente, o desacordo separa, fico sem cobertor. Falta-me a coragem para buscar um abrigo que não dependa de respostas previsíveis.



VAZIO

Isso de perdas e distâncias revela o tamanho dos vazios, o fundo do fundo, a secura da sede. Sem avisos, a vida faz da tristeza uma dor bonita, uma porteira onde era para ser passagem. É sino que badala fora de hora indicando haver paz no meio do nada, dando sentido ao vazio.

PRETEXTO

Minha indignação fervilha cercada de razões pessoais. Fustigado por uma preocupação, considero fundamental converter o discurso num ato que perpetue o possível. Fundir pessoas até tornarem-se um grupo, fustigar o egoísmo até transformá-lo em solidariedade. Lançar novos alicerces para diminuir o estrago que o abandono é capaz de proporcionar. Despedir o desperdício, o mau humor, a má vontade, inaugurar sempre a mania de nascer de novo, mais humano; aumentar o crédito, dispensar o gasto e o excesso, diminuir o volume da voz e da ganância, não gastar mal o tempo, a água. Dividir a sobrecarga com o dia seguinte. Com dor, gemer. Rir às gargalhadas. Ameaçar pra valer. Fustigar a preguiça. Gastar a saúde com gosto e a vida com prazer. Usar como pretexto a idade avançada, uma fiança emprestada, uma obrigação devida.

NADA MAIS

Estacionar em algum lugar, não sair dele por qualquer coisa. Atrevido, agitar a quietude para colher novas lições. Fermentar, marcar com memória, produzir um alto grau de tensão na monotonia, amaldiçoar o bom exemplo, abrir mão da esperança que encalha. Confiar no risco calculado. Flutuar sobre as pragas. Fomentar a ausência de impostos. Perder a razão de tanta franqueza. Abrir gavetas. Ter uma última desilusão. Roubar um beijo duma criança. Fundear em águas potáveis. Resmungar, choramingar, suspirar, reclamar. Consertar sérios danos ocasionados. Não dar mais um passo, não dizer nada mais além do que já foi dito. Perguntar o essencial, responder o necessário. Aguentar a confusão, expor o riso, exaurir o choro, ir até o fim. Apagar os rastros. Nisto ficar.

DESCONSOLO

Atenuei tudo o que pude, esqueci os argumentos até onde alcancei, esfacelei os restos de memória, cortei os ramos, não tive outro remédio. Levo meu passado para algum outro lugar onde caiba o camarão da Lagoa dos Patos, o peixe-rei, a Casa das Sedas, o fogareiro de ferro e a minha inocência. Desconsoladamente, saio pela porta dos fundos para não repetir as explicações desgastadas. Como o pão, guardo o miolo para os mais velhos, ergo as cores desbotadas que anunciam o uso antigo das mesmas roupas, resolvo espaçar as dificuldades. Limito o abatimento por não haver consolo suficiente. Naufrago sem aviso diante da irrequieta tentação de extrair um último braço que atenuie a impotência de não poder voltar no tempo. Olho atentamente. Espero um guia que passe a borracha para impedir que eu me desmanche.

ASPIRAÇÃO

Fica estabelecido que ando muito ocupado, sem tempo para atender aos desamparos, à falta de abraços, aos ódios sem endereço, às dificuldades de escrever, às fortunas anônimas e às lápides inominadas. E também, aos perdidos de amor, aos loucos que não deliram, garçons demorados, vento na cara, derrota injusta, mesa bamba, sustos, gol contra, fúria descontrolada, discurso disperso, dor de dente, grito, fofoca, evidência omitida, ritual pernicioso, zelo hipócrita, falsa erudição, correção de conduta, furão de fila, repetir o mesmo erro, perder tempo, gente atrasada, pessimista metido a realista, ex qualquer coisa, quem não escuta, quem reza em causa própria, quem fala uma coisa e faz outra, quem extravia o livro alheio.

Ando à procura de quem faça as pazes, faça cerimônia, faça a cama, beije com gosto, abrace intimamente, atraia, me favoreça alguma inspiração, me perdoe os excessos, que prove da minha comida, tenha bom humor para distribuir, faça falta, dê ideia, cante, torça pelo Botafogo, faça promessas e as cumpra, que guarde uma cópia das minhas chaves, que me leve a passear, que me proteja da fúria própria e alheia, que me faça gozar em paz e me atravesse favoravelmente, que invente estacionar meu desejo, garantindo que ele não irá entrar numa fria.

GOSTAR

Gostar sem limites, manchar a boca, gostar por gostar, do começo ao fim, enxertar ilusões, gostar dedicando ao impossível o próximo sonho de amor, gostar enviesando o corpo, subindo vielas, tropeçando na fuga; gostar como criança, sem burla, inundado, afogado, gostar com os ânimos quentes e as mãos frias, gostar ao extremo até os cem anos; gostar dos peitos, das nádegas, das coxas, da barriga preta, da mão pedinte, do olhar que acalma. Gostar nomeando, escalando, gostar da boca fechada, da boca aberta, do grito que goza e do silêncio que consente. Gostar com ciúme, com segredo. Gostar no perigo e na calma, do suor que escorre inconveniente, denunciando o quanto temor de gostar. Gostar da ausência e da presença, da dispensa, da desobrigação de gostar até desaparecer pouco a pouco, lamentando ter que parar de tanto gostar.

NÓ DESFEITO

Enquanto desfaço o nó do nervo, tenso, desviado do bom caminho, inconveniente, entro em desordem, roubado na tranquilidade banhada em choro que me faz jogar fora a raiva e pedir-te para ficar. Conto um a um os bens vividos, emudeço todas as razões antes que elas me convençam a epilogar nossa história.



AMORES IMPERFEITOS

Ama-se imperfeitamente, ofende-se pelas tramas, inventam-se artificios, deixa-se escuro o próximo espaço, mistura-se vontade com realidade, cria-se um rosário de arestas, alastra-se o motivo mais vulgar, ensaia-se a bala perdida, a granada e a grana, o fuzil aposentado e o canhão à espera da rendição.

Tudo amor imperfeito, insurgido, revoltado, sem ânimo para demorar-se um pouco mais, misturado com ódio, pitada de indiferença que alveja e sufoca. Acabou a testemunha, a manha, a queixa, perdeu-se a memória das dores, acabou-se o contentamento com as perigosas coisas dos amores imperfeitos.

INCESSANTE PROCURA

Percorro os espaços ao meu redor encerrado em minha solidão. Já não circulam por aqui os olhos que me viam, o que torna nulo o tamanho da espera e aumenta meu isolamento. Pensar com insistência aumenta a desordem exclusiva dos sem coadjuvantes. Nada a combinar, a repartir; os beijos foram convertidos em imagens sem saída, as emoções estão fora de serviço. Busco que o cansaço crie obstáculos à minha incessante procura e me dê um motivo para não mais deixar-me cativar pela ilusão.



Roberto Curi Hallal

